

PARECER SOBRE MONOGRAFIA DE CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO

Aluna: Sílvia Aparecida Brito

Orientador: João Batista Freire da Silva

Curso: Especialização em Recreação e Lazer

Embora a aluna Sílvia Aparecida Brito se mantenha todo o tempo presa ao tema por ela escolhido, seu discurso mostra-se, por vezes, repetitivo. Sem dúvida que enfatiza a questão do prazer e do desprazer, mas, frequentemente, exagerando nas repetições. Nem sempre aprofunda a análise.

Para os objetivos de um curso de Especialização, creio que a aluna deu conta dos requisitos necessários. Preparou-se, estudou, observou práticas, descreveu-as, fez uma redação de boa qualidade.

Não lhe atribuo a nota máxima, porque o trabalho deixa, às vezes, a desejar. Mas reconheço os méritos de sua produção. Minha nota é B.

João Batista Freire da Silva

João Batista Freire da Silva

SILVIA APARECIDA BRITO

O DESPRAZER QUE É A ESCOLA

Mogi Mirim, 1992.



SILVIA APARECIDA BRITO
- licenciada em educação física -
pela Universidade Metodista
de Piracicaba - SP

O DESPRAZER QUE É A ESCOLA

Trabalho de aproveitamento do Curso de
Especialização em Recreação e Lazer da
Universidade de Campinas - UNICAMP.

Mogi Mirim, 1992.

SUMARIO

INTRODUÇÃO	3
I - SALA DE AULA E EDUCAÇÃO FÍSICA (AMBIENTE TRADICIONAL)	9
II - O SENTIDO DO PRAZER	18
III - A IMPORTANCIA DO APRENDER CORPORAL	23
IV - BIBLIOGRAFIA	28

INTRODUÇÃO

Venho trabalhando na área de Educação Física escolar há aproximadamente oito anos. Durante esse tempo dividido entre escolas particulares e escolas estaduais, tradicionais ou modernas, pude observar a enorme satisfação e alegria das crianças quando participam das aulas de Educação Física. Observei também a disciplina rígida com que a escola e os próprios professores conduzem o dia-a-dia na sala de aula; a falta de espaço de muitas escolas que têm seus prédios recém-construídos; a omissão e a subtração do tempo ou formas de lazer, ludicidade e recreação dentro e fora da sala de aula.

Nelson Carvalho Marcelino afirma quando define o lazer na infância...

"Isso ocorre pelo peso considerável do aspecto "tempo" na conceituação do lazer, o que pode levar à consideração de uma não-aplicabilidade à criança, uma vez que pelo menos em termos ideais, a infância seria marcada pelo "descompromisso" pela falta de "obrigações", o que implicaria na impossibilidade da contraposição obrigação/lazer, e, conseqüentemente, da demarcação de um, tempo "livre" ou "disponível, para essa faixa etária..." (Marcelino, 1990, p. 54)

Uma vida por muitas vezes, isenta de compromissos e horários, uma vida de jogos, brincadeiras, numa harmonia com a

ludicidade, deve ser substituída subitamente pelo compromisso, pela obrigação, pela disciplina rígida que é imposta pela escola.

E se alguma resistência se manifestar os castigos são os mais diversos.

Não podemos deixar de destacar a negação da cultura da criança.

A criança quando entra na escola traz consigo uma cultura já adquirida em casa, com seus pais, irmãos, parentes, vizinhos, etc...

Considerando-se que cada criança tem consigo um cultura própria, teremos então, várias culturas entrelaçando-se umas com as outras numa mesma sala de aula. E o que o educador faz então? Não somente o educador mas toda a instituição escolar, nega esse conhecimento já adquirido pela criança.

Wagner Wey Moreira escreve:

"A criança quando entra na escola deve passar a vivenciar o NÃO. Nada é permitido que altere a ordem estabelecida. Não pode conversar (Educação sem diálogo?). Não pode rir (Educação sem criatividade?)." (p. 15)

Sendo assim a escola nega todo o conhecimento já adquirido pela criança. Rouba-lhe o lúdico, "enfiam-na" numa sala de aula por horas e horas para que o professor, este sim, sabedor de todo o conhecimento, possa transmiti-lo às crianças; e lhes dá como gratificação pelo silêncio alguns minutos de recreio.

Há dois anos atrás quando prestei uma prova para ingressar no curso de especialização em Educação Física escolar na UNICAMP, impressionou-me um texto de João Batista Freire intitulado "Pelo corpo também se aprende a ler. Ele dizia que a escola nos apresenta:

"Imagens de crianças correndo, pulando, brincando até dentro da escola. Mas onde? Na sala não, que é lugar de silêncio. No pátio sim, na hora do recreio, na hora de recriar tudo de novo o que o Criador já criou". E finaliza: (...) "Será que a escola não sente inveja da alegria louca da criança quando bate o sinal?"

O recreio, onde a criança pode extravasar sua alegria, trocar conhecimento com as outras crianças, soltar a sua fantasia suas emoções, ser super herói, viver o lazer e a ludicidade a sua maneira.

Temos que concordar que é muito pouco tempo; aliás chega a ser insignificante perto das ansiedades e necessidades das crianças que querem simplesmente "brincar", "recrear-se" e por que não dizer, "aprender"?

Marcellino defende:

"... a necessidade de se respeitar o direito à alegria, ao prazer, propiciados pelo componente lúdico da cultura, base de sustentação para a afetiva participação cultural crítica, criativa e transformadora. A própria atividade produtiva ganharia, assim, em sentido, ao permitir a leitura lúdica do mundo; e o prazer permearia a a realidade". (Marcellino, 1990, p.67)

A Escola deveria se preocupar com o hoje, o agora e não privar a criança do seu presente para que possa "prepará-la" para um "futuro" que ninguém sabe como será.

Preparar nossos alunos para buscarem novos horizontes?

"E agora eu me perguntaria sobre o discurso que tem fluído de nossas práticas educativas, do jardim da infância às pós-graduações (...) Que amores têm sido inflamados? Que ausências têm sido choradas e celebradas? Que horizontes utópicos tem sido propostos? Eu me pergunto se não vai sobre nossas cabeças a quase maldição de Heber: Especialistas sem espírito. Sensualistas sem coração. Esta nulidade imagina haver atingido um nível de civilização nunca antes alcançado". (Rubens Alves, 1990, p. 31)

É preciso criarmos crianças felizes, críticas e criativas para formarmos adultos críticos e criativos.

É preciso que, ao intervir, o adulto respeite os direitos da criança. Deixe, por exemplo, que elas lhes "ensinem sonhos"..." (Marcellino, 1990, p.79)

E a Educação Física ?

Onde ela entra em toda essa omissão que a escola faz questão de preservar ?

É certo que muitos professores de Educação Física contribuem para essa situação. Afinal "aula é aula e não é lugar de se mexer, de fazer bagunça" (Pelo corpo também se aprende ler. J.B. Freire)

Mas acredito que não é e não pode ser assim.

A Educação Física e seu profissional em especial, é dotado de recursos que não existem nas demais disciplinas, que é o contato corporal de alunos e professores e alunos e alunos não há um compromisso formal com os padrões vigentes de educação, pois não contamos com a sala de aula como único recurso para ministrarmos nossas aulas. Contamos com o espaço externo, com a natureza, com corpos que se tocam, se sentem, que extravasam suas emoções num jogo.

Corpos que se unem com um fim que podem ou não levá-los à vitória, não somente individual, mas de uma equipe, munida de liberdade, alegria e prazer. E, melhor que isso, aprender a conviver com derrotas e vitórias numa mesma aula. Assim como é a vida, onde, em um minuto perdemos e em outro ganhamos. Essa experiência, essa vivência próxima à realidade e tão cheia de sonhos e fantasias ao mesmo tempo. Essa liberdade de se expressar, expor sua emoção e alegria, podem contribuir e muito

para um início de transformação da Educação. Fazendo da escola algo mais prazeroso.

Não devemos, pelo menos nas aulas de Educação Física, permitir que a criança seja tolhida do seu passado, da sua cultura, dos seus sonhos, da sua sensibilidade... As aulas de Educação Física devem despertar no mínimo prazer nas crianças;

"Assim é que a criança aprende, captando as habilidade pelos dedos das mãos e dos pés, para dentro de si. Absorvendo hábitos e atitudes dos que as rodeiam, empurrando e puxando o seu próprio mundo. Assim, a criança aprende, mais por experiência do que por erro, mais por prazer do que pelo sofrimento, mais pela experiência do que pela sugestão e a dissertação, e mais por sugestão do que por direção. E assim a criança aprende pela afeição, pelo amor, pela paciência, pela compreensão, por perceber, por fazer e por ser". (Frederick Molfett, anotado no livro de Buscaglia, 1982, p. 165)

A criança deveria aprender com prazer, com satisfação. Só assim ela poderá repetir o que lhe foi proposto, pelo simples prazer de fazê-lo e é essa repetição espontânea que faz a criança João Batista Freire em seu livro intitulado Educação de Corpo Inteiro, (p.81) escreve:

"... o mundo da escola de primeiro grau teria que ser transformado em um mundo completo de coisas que têm significado para a criança. Isso, no entanto só pode ser feito com indivíduos conscientes, ativos, dinâmicos, realizadores e transformadores".

A aula de Educação Física é a única aula (quando bem dirigida) em que a criança pode vivenciar o lúdico reviver sua fantasia recriar seus jogos e brincadeiras. Construindo seus pensamentos, atos e consciência não apenas de uma maneira

passiva, sentados numa carteira sem poderem se mexer imaginando situações para a matemática, tendo que escrever, sem poder falar, construindo formas e imagens sem poder tocá-las. Mas experimentando, tocando, vendo e principalmente sentindo.

Não se sabe o sabor da fruta até que se a prove. É preciso permitir que a criança experimente diferentes formas de lazer através da recreação, do jogo, da ludicidade. Então o lazer pode ser encarnado, através das aulas de Educação Física, como um veículo de educação, de uma NOVA educação, trazendo uma nova realidade, tendo como único objetivo a criança, o homem.

A mudança se faz necessária. Não podemos mais ficar parados, culpando o sistema educacional por toda a nossa incapacidade de criar alternativas para melhorar a qualidade de ensino e de vida de nossos alunos.

Sendo assim, através da minha vivência prática em Educação Física escolar e munida de um conhecimento teórico satisfatório, é que pretendo, descrever a omissão do lazer na escola e propor a Educação Física como alternativa para o resgate do lúdico através da recreação nas aulas. Uma forma de aprender brincando.

I — SALA DE AULA E EDUCAÇÃO FÍSICA (AMBIENTE TRADICIONAL)

"Gostaria de falar sobre a sala de aula abordando do aspectos para mim muito importantes. Coloco esses aspectos no mesmo nível de importância em que estão outros, tais como: momento privilegiado em que se processam o ensino e a aprendizagem, confronto de idéias entre professor e alunos e entre alunos e alunos, busca do aprimoramento de técnicas para maior racionalização da transmissão de conteúdos, etc." (Novaski, Org. Org. Moraes, 1991, p. 11)

Mas sabemos que não é assim.

A sala de aula. Vamos iniciar descrevendo seu espaço físico: lugar pouco privilegiado, com carteiras amontoadas, pouco espaço para a circulação, um quadro negro e alguns trabalhos de crianças expostos, uma lata de lixo, com lixo mais para fora do que para dentro. A mesa da professora à frente e alunos, muitos alunos. Carteiras dispostas tradicionalmente para frente do quadro negro em filas e colunas.

Há muito tempo é assim.

E nada, nem o passar dos anos mudou essa situação. Algo intocável.

Crianças apertadas em suas carteiras, sem poderem se mexer, se comunicar.

A presença da professora à frente da classe transmite uma "liderança" (todos devem manter os olhares fixos na sua pessoa, na sua palavra na sua "sabedoria").

"Para o aluno a professora não é vista como uma pessoa amiga que está ali para ajudar, mas sim como uma pessoa que sabe o que eles não sabem, que fala enquanto eles tem que ficar quietos, que fala bonito e diz que eles falam errado, que castiga quando eles se comportam mal e que reprova quando eles não conseguem aprender o que tem que ser aprendido. Eles tem medo dela e, para se defenderem, se fecham em si mesmos ou tornam-se agressivos e indisciplinados". (Ceccon e outros, p. 16)

Estão ali para aprender o que a mestra lhe ensinar. É ela que detém o saber.

E há tempos é assim.

Nem a modernidade dos tempos consegue romper com essa tradição.

O silêncio reina absoluto (ou quase).

Na mesa da professora, alguns livros antigos, outros nem tanto a velha caneta vermelha.

Parece que o tempo parou dentro da sala de aula.

As crianças de ontem tornaram-se educadores, o tempo passou, novas crianças vieram mas, a sala de aula permanece intacta.

Foi essa a minha sensação quando comecei a ministrar aulas na escola em que eu havia estudado, até as cores das paredes são as mesmas. Os professores são os mesmos ensinando da mesma maneira.

Crianças diferentes, da era do computador, do video-game, da televisão sendo educadas como antes, como sempre foi.

Crianças amarradas nas carteiras executando tarefas que quase nunca fazem parte do seu cotidiano, do seu dia-a-dia fora da sala de aula. Esperando desesperadamente que toque o sinal para a hora do recreio e finalmente o sinal de saída.

As crianças não podem comunicar-se, não podem sorrir, não podem brincar, não podem se quer levantar da carteira. Sonhar ? O sonho é individual, é íntimo, mas até aí a professora com uma voz exageradamente estridente, faz o sonho se quebrar e obriga a criança a retornar à velha realidade, àquela dura rotina da sala de aula.

Quebram a ponta do lápis por quantas vezes para ir até o lixo? Que caminhada!

Quantas vezes derrubam a borracha para irem buscá-la do outro lado da sala?

Assim o tempo passa...

Mais um dia a menos

Menos um sonho a mais (Rita Lee, Caçador de Aventuras.)

Saem da escola correndo, pulando, brincando...

Gritam, rolam na grama, põem os pés na enxurrada, sobem muros, tocam a campainha das casas sem se quer lembrarem que amanhã é dia de aula. Que a velha rotina recomeça da mesma maneira. O outro dia é igual há tantos que já passaram! Responder chamada, abrir o livro, copiar "aprender", copiar, calcular, copiar, copiar... e para que?

Quando o tempo passar, vai ser tarde demais para se fazer essa pergunta e achar as respostas. Ai, muitas dessas crianças se tornarão educadores e provavelmente repetirão esse processo milenar.

É pena que o educador esqueça rapidamente o que é ser criança.

O mundo gira lá fora, muita coisa acontece fora da sala de aula, mas nada é capaz de mudar o planejamento a ser cumprido no decorrer do ano pelo o professor..pa

A criança deve escrever, escrever redações, usar de sua criatividade. Mas como? Como será possível escrever se lhes tiram a palavra, o diálogo, como criar, se devem apenas reproduzir o que está no quadro negro?

Como encontrar prazer, em estar sentada por mais de quatro horas numa carteira?

Se para nós, adultos, ficar sentados por quatro horas assistindo uma aula mesmo conscientes da necessidade, é um sacrifício muito grande, que dirá uma criança de seis ou sete anos que nem sabe o que está fazendo ali? E se sabe não tem consciência plena.

Tantas culturas estão presentes dentro de uma sala de aula e o educador, que seria o responsável por toda essa troca de conhecimentos que as crianças já trazem consigo quando passam a fazer parte da vida escolar, simplesmente ignoram toda essa cultura em troca de uma metodologia antiga em um conteúdo arcaico.

As crianças são oprimidas, tolhidas em seus sentimentos, em suas atitudes, na sua história de vida. Vêm os alunos como serem não pensantes, incensíveis, sem conhecimento nenhum. Ausentes de passado, de sonhos, de sentimentos.

Tudo em troca de um conteúdo a ser cumprido fielmente até o final do ano. Sem se preocupar com a formação de seres humanos, de seus princípios de amor, de solidariedade, de amizade, de emoção, etc. Assuntos tão importantes que infelizmente não fazem parte do cotidiano de uma sala de aula.

Ora, se a criança não vivenciar, não experimentar suas emoções, seu amor, enfim, como se tornará um adulto com estas qualidades citadas?

"É por isso que um mestre tem mais poder do que um livro (Marchand, 1985, p. 19)".

Esquecem que essas crianças, serão pais, amigos, profissionais. E o que fazer com esse conteúdo tão distante da vida como ela realmente acontece lá fora?

Léo Buscaglia, em seu livro "Vivendo amando e aprendendo" escreve:

"...Talvez seja isso o ensino, na verdade, e certamente é isso que é a orientação - um processo não de querer fazê-lo à minha imagem, como eu desejaria que voce fosse, mas querer conduzi-lo de volta a voce, ao que é, à sua singularidade, à sua beleza original". (p. 43)

Não podemos adaptar o aluno aos nossos padrões de ensino, e sim adaptar novos padrões de ensino a diferentes alunos na sala de aula e procurar fazer com que a criança se desenvolva a partir do seu próprio conhecimento já adquirido, que é diferente das demais por fazerem parte de culturas diferentes.

A escola se diz preocupada com o futuro, mas não se preocupa com a qualidade de futuro que está sendo preparado.

Que educação é essa?

Mas, uma mudança foi notada durante todos esses anos: aumento do tempo de permanência da criança na escola e o aumento de dias letivos. A introdução da Educação Física e Educação Artística nos curriculums da primeira e segundas séries da rede estadual. Algumas escolas particulares apresentam aulas de música em seu novo curriculum.

Ah! Agora sim!

Aulas de Educação Artística onde a criança pode desenhar "soltar" a sua criatividade.

Aulas de Educação Musical onde ela poderá experimentar sons e cantar alegremente.

Por fim, aulas de Educação Física. Só de pensar a alegria é inesplicável.

Pronunciar esse nome faz com que as crianças pulem nas carteiras e como num momento raro, vemos seus olhos brilharem. E o pedido de silêncio da professora em seguida, é claro.

Mas uma dúvida com relação a Educação Física apareceu.

Por que as crianças não se mostravam empolgadas pelas aulas de Educação Artística ou Educação Musical?

Por que a Educação Física traz tanta alegria?

Será que as crianças ficam contentes por causa da aula de Educação Física ou porque percebem um momento de se verem livres.

Comecei então a questionar sutilmente as crianças do pré e da primeira série que poderiam responder sem serem induzidas a uma resposta.

Com um "bate-papo" informal percebi que não era somente uma fuga, mas sim por se tratar de aulas interessantes onde elas poderiam brincar.

É claro que essa situação não se encaixa a todas as aulas de Educação Física. Muitas vezes, quando as aulas não apresentam nada de muito interessante, a criança usa dessa aula para se verem livres da sala de aula, e, para ela já é um grande progresso.

As aulas de Educação Física, Educação Artística e Educação Musical, que poderiam ser ministradas de uma maneira diferente, usufruindo da liberdade de expressão da espontaneidade e da criatividade das crianças, em um espaço físico diferente, continuam, na maioria das vezes sendo ministradas nos velhos padrões tradicionais de ensino.

Se cada professor pudesse dispor de algumas horas de sua aula para conhecer o seu aluno, saber o que ele pensa, o que ele sente e principalmente, o que ele sabe....

"É preciso primeiro pedir ao mestre que lute contra a tendência de considerar os alunos como abstrações ou nomes inscritos no livro de matrículas. É preciso também, resistir à mania de classificá-los, em definitivo, neste ou naquele grupo, negando-lhes suas possibilidades de mudança (Marchand, 1985, p. 93)".

Mas, vamos falar das aulas de Educação Física. Vamos descrever também o seu ambiente tradicional.

Então é chegada a hora! Hora da bagunça, da alegria, da espontaneidade.

Descem correndo para a quadra, loucos para brincar, se divertir, trocar experiências, tocarem uns nos outros e principalmente no professor que nunca esteve tão próximo. Um momento raro de trocas afetivas.

Mas na aula de Educação Física também não pode fazer bagunça porque aula é coisa séria.

O professor, por sua vez, despreparado para lidar com uma clientela dessa idade (tão acostumados com processos pedagógicos de movimentos esportivos) impõem a ordem à custa de castigos, como exercícios calistênicos por exemplo.

Infelizmente as aulas de Educação Física seguem os mesmos padrões normais. A única diferença é que são ministradas fora da sala de aula.

Os menos hábeis experimentam um menor número de vivências motoras, quando deveria ser ao contrário.

O trabalho individualizado não existe.

A criatividade não faz parte das aulas, há um desrespeito à individualidade da criança.

E o mais importante a busca da perfeição, onde o destaque é sempre os alunos mais hábeis.

"Educação Física era um setor em que todos deveríamos ter uma oportunidade. Se não sabemos jogar bola, então aprendemos a jogar bola do melhor modo possível. Mas não era isso; estávamos buscando a perfeição." (Vivendo amando aprendendo, (Leo Buscaglia, p. 61)

O prazer tornar-se mais uma vez uma obrigação.

As brincadeiras das crianças são ignoradas em função de uma atividade tradicional ou mesmo de uma metodologia ultrapassada.

Enfim, a velha escola, a cada instante que passa torna-se mais velha, mais arcaica.

O desconhecimento teórico dos professores para lidar com corpos em movimento nas escolas primárias principalmente, acredito ser um dos fatores que prendem as fortes amarras do ensino tradicional.

"Desconhecer técnicas para desenvolver uma pedagogia do movimento pode explicar, parcialmente a ausência de uma educação motora adequada ... Realizar aulas de Educação Física utilizando-se de um arsenal de medidas disciplinares para enquadrar os corpos das crianças em hábitos estereotipados de movimentos, como tem sido o mais usual nos lugares que pelo menos existe Educação Física, é a maior de todas as provas da insegurança do professor perante os corpos infantis" (Freire, 1989, p. 170).

Todo conteúdo cai por terra quando a maneira de se transmitir o conhecimento é inadequada. Para criar uma pedagogia, para transmitir conhecimento é necessário um domínio das técnicas e para tal um embasamento teórico significativo.

Mas não é só isso. É preciso que o educador traga para a escola todo o conhecimento corporal vivido pela criança e aprimore esses movimentos. Isso ao meu entender é a função do educador.

"Não se trata mais de transmitir conhecimentos ou seguir um programa oficial mas sim de fornecer recursos e instrumentos aos alunos para que eles possam reagir a seu desenvolvimento intelectual. A partir desta premissa, torna-se evidente que ensinar só tem sentido se o educador é capaz de se colocar à disposição do aluno, de se adaptar à sua linguagem, à sua conduta e a seu modos de socialização". (Hasper, 1987, p. 110)

II — O SENTIDO DO PRAZER

Nada melhor que iniciar com a definição do que é prazer:

Prazer - Emoção positiva que implica numa satisfação. Há uma enorme variedade de estímulos que proporcionam sensações de prazer, variando também sua intensidade. (Discionário de Psicologia Prática)

A vida da criança deveria ser tomada de prazer, de sonho, de vida. Mas falando assim parece que ser criança é algum paraíso. Principalmente em países como o nosso, boa parte das crianças tem uma infância tomada pelo sofrimento.

A infância é um período privilegiado para o prazer, mas isso não quer dizer que seja sempre assim.

Considerando que além da escola negar esse suposto prazer, nega também a realidade em que vive nossos alunos.

A rua, o trabalho, os meios de comunicação, a família, os amigos, também compõem (formas) meios de aprendizagem.

"Nenhuma criança fica esperando chegar o momento de entrar na escola para começar a aprender. O mundo da cultura infantil é muito vasto, mas, ao que parece, invisível para a escola". (Freire, 1989, p. 113)

A escola ignora o passado de nossas crianças, e, a partir daquele momento seus pensamentos devem ser fragmentados em disciplinas tais como: matemática, português, etc, dentro da sala de aula.

A escola impossibilita a vivência lúdica da criança do seu presente e passado em prol de um futuro que ela mesma e ninguém tem noção de como será.

"Desta perspectiva, a criança é vista apenas como "promessa", um adulto potencial, em que se deve investir, o que gera o sentimento de inutilidade da infância" (Alves, 1984d, 5-8) Sua única aspiração possível é tornar-se adulta. Todos os esforços, até mesmo no que diz respeito aos conteúdos que poderiam ser vivenciados ludicamente, como a prática esportiva por exemplo, são dirigidos a preparar o terreno para o futuro produto final..." (Marcelino, 1989, p. 61)

Somos frutos desse ensino, mas nossas crianças, hoje, não são nem parecidas às de vinte anos atrás. Mas certamente a escola é a mesma.

Muda-se a maneira de se vestirem.

Muda-se a maneira de se pensar (os conceitos).

Muda-se os brinquedos, a moda, a música, o comportamento, a dança ... Só a escola permanece a mesma.

Quando se entra numa escola, aquela que se frequentou antigamente, tem-se a sensação de estar entrando em um museu. As cores, as formas, as salas, os professores e principalmente a maneira de ensinar, ainda é a mesma. Tudo intacto sem ser tocado.

Ressalva: as crianças não são as mesmas. Avidas de conhecimentos atualizados, modernizados. Crianças ou adolescentes nas mesmas carteiras, com os mesmos professores e os mesmos métodos de ensino.

As cenas das janelas das escolas, modificaram-se tantas e tantas vezes mas a escola, a velha escola continua a mesma.

Paralizados nas carteiras aprendendo com a mesma dor de antigamente.

É sabido que com dor também se aprende "e como se aprende!" Mas aprender através de uma forma lúdica tende a ser mais prazerosa, conseqüentemente mais significativa.

Então por onde começar ?

*"Por onde poderíamos começar, senão pelo conhecimento que a própria criança, possui ao entrar na escola ? (...) O que se vê, na maioria das vezes, é uma quase total desconsideração por parte da escola, possui, do conhecimento que toda a criança com certeza, independente da escola. Ora, se quanto à leitura e à escrita a criança chega às instituições de ensino com um considerável conhecimento, que dirá das atividades corporais? Ela é uma especialista em brinquedo, mais até que a própria professora".
(Freire, 1989, p. 112)*

Acredito que o ensino consiga atingir melhor suas metas se partimos de pré-conceitos que a criança possui do mundo, das coisas, para, em outro momento, tomar "consciência de um conceito mais complexo, através de vivências lúdicas que proporcionam mais prazer.

João Batista Freire ainda nos alerta para a importância das crianças serem educadas e não adestradas. Desenvolver habilidades motoras, mas com consciência do que está se fazendo, e mais:

*"Na verdade, o que a escola deve buscar não é que a criança aprenda esta ou aquela habilidade para saltar ou para escrever, mas que através dela ela possa se desenvolver plenamente."
(Freire, 1989, p. 76)*

A ludicidade é muito importante porque a criança quando brinca está assimilando conhecimentos, sem perceber, sem sentir dor para tanto, com maior satisfação e maior interesse

O brinquedo faz parte do mundo da criança, do seu habitat natural daí, a importância de se incorporar o jogo, a brincadeira para construir formas de se ensinar brincando.

O lúdico faz com que a criança experimente, vivencie, manipule e consequentemente incorpore, transforme em uma vivência prática daquilo tudo que se diz teoria.

Sentir, viver o prazer dentro da escola seria permitir que a criança aprenda brincando de uma forma mais amena, mais branda, sem muitos sacrifícios emocionais por exemplo.

Não podemos deixar de lembrar que as vivências corporais também devem ser encaradas como formas de aprendizagens dentro da escola.

Quanto maior for o conhecimento que a criança tem do seu corpo, das suas limitações, e de suas virtudes, maior será o seu conhecimento de si mesma. E se a criança não conhecer a si mesma como conhecer o mundo ?

Este conhecimento faz o corpo relacionar-se melhor com outros corpos. Experimentando vivências corporais diferentes, entrelaçando-se umas com as outras, numa troca ampla, proporcionando uma melhora nas relações afetivas, nas experiências motoras, etc.

Nelson Carvalho Marcelino em seu livro "Pedagogia da Animação defende a incorporação do jogo na escola e escreve:

"Não se trata pois, de usar o jogo como meio para se aprender algo fora dele: um fim exterior. Proponho o oposto: que a escola resolva aprender do jogo, do sonho, buscando "pistas" para a felicidade. Se há algo a ser ajustado, é a realidade ao sonho, e não ao contrário". (p. 86)

Vale a pena observar que nem todas as atitudes devem ser carregadas de processos educativos para que não se perca a essência do lúdico.

"Raramente a atividade lúdica é considerada pela escola, e quando isso ocorre, as propostas são tão carregadas pelo adjetivo "educativo", que perdem as possibilidades de realização do brinqueado, da alegria, da espontaneidade, da festa". (idem p. 85)

O brinqueado, o jogo, são necessários dentro da escola por si só, por fazerem parte do cotidiano da criança dentro e fora da escola.

III — A IMPORTANCIA DO APRENDER CORPORAL

Questionava-me muito à respeito da importância do aprender corporal. Por que era tão importante e qual o real papel da Educação Física dentro da escola.

Depois de algumas leituras, encontrei algumas respostas no livro de João Batista Freire "Educação de corpo inteiro". Privilegiada de tê-lo como meu orientador nesse trabalho pude então recorrer a ele para maiores esclarecimentos e um maior aprofundamento no assunto.

Sendo assim, eis aqui o resultado de nossas conversas:

A Educação Física deve adquirir uma identidade própria, um sentido. Pois as demais disciplinas já existentes na escola, propõem-se a ensinar conteúdos e a Educação Física também deveria propor-se à esse fim.

Na área da matemática, por exemplo: A criança vai à escola para aprender pela matemática, uma certa lógica, uma certa linguagem através de um conhecimento já adquirido.

A criança já raciocina matematicamente, mas, quando entra na escola, ela aprende à codificar, à falar sobre esse raciocínio, adquirindo uma linguagem específica. Então, a criança aprimora o seu conhecimento e o sistematiza, através da ciência e da escola.

No português também acontece da mesma forma.

A criança já sabe ler e escrever algumas palavras. Ela já sabe falar. Só que a leitura, a escrita, a fala, ganharão novas forma, novos códigos. Uma lógica, uma sistematização e uma organização mais apuradas.

A Educação Física deveria agir da mesma forma. Sem dúvida que a criança já aprensta uma série de conhecimentos corporais dos mais diversos. Mas, quando chega à escola, a Educação Física deveria estar ensinando à criança à organizar melhor esse conhecimento, de uma forma coerente dentro do jogo, para que possa ter um sentido social.

"Mas o jogo não representa apenas o vivido, também prepara o dever. É no espaço livre de pressões que as habilidades motoras (no caso, para se viver em sociedade) são exercitadas, podendo assim servir de suporte a outras de nível mais alto, quando necessárias". (Freire, 1989, p. 117)

Então, o conhecimento motor, deve, na escola, adquirir uma lógica mais sutil, mais social.

A criança deve aprender uma linguagem corporal. Uma linguagem do movimento.

"... Não se passa no mundo concreto a representação mental, sendo por intermédio da ação corporal. A criança transforma em símbolos aquilo que pode experimentar corporalmente: o que ela vê, cheira, pega, chuta, aquilo que corre e assim por diante". (Freire, 1989, p.81)

A criança vai a escola para que seu conhecimento motor, torna-se socializado, para que haja uma troca com o grupo, e trocando com o grupo, sua habilidade individual seja aprimorada.

Ela vai ao grupo com sua habilidade e volta para seu particular enriquecido. Pois não se trata mais de uma habilidade individual, mas sim de uma habilidade acrescida das habilidades das demais crianças do grupo.

A vantagem de se incluir em um meio social, o seu conhecimento particular, é que pode-se (ou não, dependendo do método a ser utilizado) voltar ao seu particular enriquecido do conhecimento dos "outros".

Do ponto de vista da sensibilidade, a criança que já é sensível por exemplo, deve tornar-se "mais sensível", ver melhor, ouvir melhor, tocar melhor. Isso deve ser feito pela escola desde que professor domine as técnicas para transmitir tal conhecimento.

Tudo isso, para poder crescer, para ganhar uma maior organização, um alto nível de complexidade deve ser percebido, conscientizado.

Essa consciência só acontecerá se o professor estiver atento à tudo o que a criança, faz ou diz.

Existe um método para tal: é chamar a atenção da criança.

Como?

Perguntando à respeito do que ela está fazendo.

Sugerindo novidades em cada ação. Porque a novidade se contradiz com o que foi feito anteriormente e essa contradição gera uma certa "consciência".

Fazendo com que as crianças conversem entre si. Sobre tudo que foi feito. Pedindo sugestões à elas, são formas, dentro de um método de fazer com que tudo que é feito pela criança seja também compreendido por ela.

É assim que a Educação Física pode se interligar (se interagir) com outras disciplinas.

Porque se o espaço, o tempo, o corpo, são conscientizados, a criança estará adquirindo "consciência" dos mesmos ingredientes que são utilizados para compôr as demais disciplinas.

Por exemplo: uma lógica de sentimento, uma sensação, uma atitude, enfim.

A matéria prima é sempre a mesma o que se modifica é a linguagem a ser utilizada.

"Ao situar nosso enfoque em crianças da escola de primeiro grau, estamos tratando de um universo em que os atos motores são indispensáveis, não só na relação com o mundo (nesse aspecto, sendo sempre indispensáveis), mas também na compreensão dessa relação. Por um lado, temos a atividade simbólica, isto é, as representações mentais (a atividade mais solicitada pela escola); por outro, temos o mundo concreto, real, com o qual se relaciona o sujeito. Ligando-os, está a atividade corporal. (Freire, 1989, p. 81)

Enfatizou-se aqui, a importância da educação motora na escola. Mas, é preciso que o educador domine as técnicas para a tal prática de ensino.

Mais que promover atividades recreativas dentro da escola (nas aulas de Educação Física) é preciso que o professor cumpra seu papel educativo, dentro do programa escolar, para por fim ao desmérito que impera com relação a essa disciplina.

Não poderia esse trabalho sem citar mais uma vez o livro de João Batista Freire (Educação de corpo inteiro) em que ele, nos reafirma a importância da educação motorana escola.

"A questão subsiste dessa discussão é ainda: pode-se conceber uma idéia de uma educação escolar adequada sem que a educação motora exerça um papel importante? Eu diria que, nesse caso, a educação não seria a mais adequada mas se, além da escola, a criança pudesse realizar com liberdade seus brinquedos, se tivesse espaço para se movimentar, se a educação familiar não lhe tolhesse os passos, se as crianças brasileiras não tivessem que começar a trabalhar com sete, oito anos de idade... Se pelo menos uma parte de tantos ses não existissem e, ainda, se a escola não fosse um ambiente, às vezes, de "terrorismo pedagógico", e se a professora de sala fosse sempre como algumas que conheço - carinhosas, vibrantes, competentes - então não me preocuparia tanto com a ausência da Educação Física nas escolas. Dentro da sala, professora competente, fora da escola, brinquedo, liberdade e justiça... (p. 171)

BIBLIOGRAFIA

- 1 - BEE, Helen. *A criança em desenvolvimento*. São Paulo, Ed. Harper & Row do Brasil Ltda. 1984.
- 2 - BUSCAGLIA, Leo. *Amor*. Rio de Janeiro, Ed. Record. 1972
- 3 - BUSCAGLIA, Leo. *Vivendo amando e aprendendo*, Ed. Record. 1982.
- 4 - BRUAS, Heloisa. *Coversando sobre o corpo*, Ed. Papyrus. 1989.
- 5 - CECCON, Claudios e outros. *A vida na escola e a escola da vida*. Ed. Vozes Ltda.
- 6 - FREIRE, João Batista. *Educação de corpo inteiro - teoria e prática da Educação Física*. Campinas, Ed. Scipioni Ltda. 1989.
- 7 - FREIRE, Paulo & Frei Beto. *Essa escola chamada vida*. São Paulo, Ed. Atica S.A.
- 8 - HASPER, Babete e outros. *Cuidado escola*. Ed. Brasiliense, 1987.
- 9 - MARSHAND, Max. *Afetividade do educador*. São Paulo, Ed. Summos, 1985.

- 10 - MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e educação*. Campinas, Ed. Papirus, 1987.
- 11 - MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Pedagogia da Animação*. Campinas, Ed. Papirus, 1990.
- 12 - MORAIS, Regis. *Sala de aula, que espaço é esse?* Campinas, Ed. Papirus, 1991.
- 13 - MOREIRA, Wagner W. *A ação do professor de Educação Física na escola - uma abordagem fenomenológica*. Campinas, UNICAMP.
- 14 - REQUIXA, Renato. *Sugestão e diretrizes para uma política nacional de lazer*. São Paulo, SESC, 1980.
- 15 - SEVERINO, Antonio. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo, Ed. Cortez: Autores associados, 1990.
- 16 - SERGIO, Manuel. *Educação Física ou ciência da motricidade humana?* Campinas, Ed. Papirus.